

Estratégias discursivas na construção do ataque de 11/9/2001¹

Deodoro José Moreira²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

Este trabalho analisa a construção mediática do ataque de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos a partir da análise discursiva de 58 capas de jornais de várias partes do mundo, nas edições do dia 12 de setembro. A mídia impressa não somente retrata eventos da realidade, como também constrói e interpreta os “fatos”. Para afirmar suas escolhas, utiliza estratégias comunicativas e/ou discursivas específicas. O exame discursivo dessa pesquisa incide sobre as estratégias comunicativas dos veículos, por meio dos percursos estabelecidos na primeira página. O enfoque na narrativização e na discursivização examinadas em grupos categorizados de capas permitiu a estruturação desta pesquisa.

Palavras-chave

Jornais; terrorismo; discurso; primeira página; World Trade Center

Introdução

As 58 primeiras páginas dos jornais de 12 de setembro de 2001 (o dia seguinte ao ataque aéreo contra os Estados Unidos), selecionadas para este trabalho, apresentam grande variedade de estratégias comunicativas e/ou discursivas. Para que a análise salientasse tais estratégias de modo claro, agrupamos as capas em grandes conjuntos, denominados a partir do apelo da manchete em conjugação com a apresentação sincrética.

Basicamente, consideramos os seguintes parâmetros para promover essa classificação:

-Do ponto de vista da chamada principal, na manchete, o apelo está no agente da ação, ou nas conseqüências do evento na população local, na América e no mundo, na identificação passional com o sentimento da população, ou, finalmente, na colocação dos EUA como vítimas de uma ação desmesurada e com direito a retaliação;

-Do ponto de vista da configuração da página, envolvendo o sincretismo imagem-texto, há uma tendência de ampliar as imagens em relação às edições diárias, estabelecendo um impacto conjugado à manchete. Para a tipificação dos grupos, consideramos esse efeito

¹ Trabalho apresentado ao NP 15 – Semiótica da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutorando do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP; e-mail: dmor@terra.com.br.

imagem-texto em suas várias formas, além da foto escolhida (do solo, da população sofrida, dos prédios em chamas).

Para empreender essa configuração em conjuntos, observamos, inicialmente, que as capas se propunham a interpretar o acontecimento ou o pós-acontecimento. Ou seja, elas narravam como ocorreu a série de ataques aéreos do dia anterior (11 de setembro) ou as suas conseqüências. No entanto, um aprofundamento maior fez-se necessário. Para isso, consideramos o sincretismo que ocorre na mídia impressa jornalística, mais precisamente, o diálogo entre as linguagens verbal e visual. Fazem parte da linguagem visual as fotografias, as ilustrações e os elementos gráficos. A relação entre as duas linguagens não só permite veicular o conteúdo, como também atrair e monopolizar a atenção do leitor. Ao considerarmos a capa como um texto sincrético, não podemos analisar as fotos como elementos isolados, nem tampouco somente o sentido da frase. É necessário inter-relacionar todos os elementos constituintes da primeira página. A ação que promove a articulação entre os elementos das linguagens verbal e visual na mídia impressa jornalística é a diagramação.

Considerando-se que nas capas selecionadas para este trabalho as fotos (em função de sua carga de informação e de apelo visual inquestionável) e as manchetes (que conduzem o leitor para um determinado percurso da página) destacam-se como elementos principais de atração do leitor, optamos por utilizá-los como parâmetros para a configuração dos grupos e subgrupos.

Como já destacamos anteriormente, o passo inicial para a configuração dos grupos e, conseqüentemente, dos subgrupos, foi a constatação de diferentes estratégias comunicativas/discursivas nas primeiras páginas selecionadas.

Partimos, portanto, do evento de 11 de setembro, repercutido nas edições dos jornais do dia 12 de setembro. Tal acontecimento foi retratado de formas diferentes na mídia impressa jornalística. Centralizando nossa análise nas capas de jornais diários de alguns países, constatamos que há estratégias comunicativas/discursivas que privilegiam a ação do anti-sujeito (Grupo 1), ou seja, o destinador quer fazer-criar ao destinatário que os agentes da ação eram terroristas, apesar de não haver provas concretas sobre os autores até aquele momento. É o caso do *Los Angeles Times* (Figura1), que traz a manchete “Terroristas atacam Nova York e Pentágono”. A gravidade do ato levou a estratégias em que a ênfase

sobre a situação do sujeito-vítima (EUA) prevaleceu sobre a posição do agente (Grupo 5). Neste caso, o sujeito é, explicitamente, citado nas manchetes, ato lingüístico que reforça a opção por este tipo de estratégia. O destinatário é informado de imediato sobre o foco da notícia. É o que se depreende, por exemplo, da manchete do *The New York Times* (Figura 50): “EUA atacados”.

Já no Grupo 2, o destinador opta, também, pela estratégia que privilegia a posição do paciente, ou sujeito que sofre a ação, em detrimento do agente, o anti-sujeito. Só que há um diferencial: neste caso, as vítimas do ataque aéreo são destacadas. Neste grupo, as estratégias se subdividem. Há as capas que tratam, especificamente, da situação dos sobreviventes (subgrupo 1). Cada capa constrói esse ponto de vista, de formas específicas, citando números gerais de vítimas fatais e o “grito” dos atingidos: “Bastardos” [*The Examiner* (Figura 15)].

O Grupo 3 privilegia o aspecto político do acontecimento, nomeando o evento como declaração de guerra contra os EUA. É o caso, por exemplo, do *USA Today* (Figura 23), que traz a manchete “Ato de Guerra” (“Act of war”). Já o Grupo 4 mobiliza estratégias passionais ao qualificar o evento de formas variadas. É o caso das manchetes “Ultraje” [*The Atlanta Constitution* (Figura 38)] e “Infâmia” [*The Washington Times* (Figura 39)], em que os veículos encarnam a paixão da cólera.

Em resumo, os grupos são os seguintes: 1) terroristas como agentes da ação; 2) efeitos na população; 3) efeitos na América e no mundo; 4) qualificação do acontecimento; 5) EUA como vítima da ação. Em função da diversidade de estratégias comunicativas é que subdividimos esses grupos.

É necessário ressaltar novamente que nas estratégias comunicativas explanadas acima o sincretismo não é abandonado em nenhum momento. A inter-relação entre as linguagens verbal e visual é fundamental para a análise desse objeto. A seguir, destacamos os grupos e os subgrupos configurados com as capas selecionadas que compõem o nosso *corpus*.

Grupo 1 – Terroristas como agentes da ação

Neste grupo, o destinador quer fazer-criar ao destinatário que terroristas atacam os EUA. Os autores da série de ataques aéreos contra os Estados Unidos, mesmo sem haver até aquele momento nenhuma pista concreta, são nomeados terroristas ou suicidas. As fotos

têm como foco as torres gêmeas do World Trade Center, um dos alvos. Elas são apresentadas em chamadas e com angulações e cortes variados.



Los Angeles Times
(Califórnia - EUA)
Manchete:
terroristas
atacam Nova York
e Pentágono

Figura 1



The Washington Post:
(Distrito de Columbia - EUA)
Manchete: Terroristas
seqüestram quatro aviões,
destroem World Trade Center
atingem Pentágono; centenas
de mortos

Figura 2



The Wall Street Journal:
(nacional - EUA)
Manchete:
Terroristas destroem
World Trade Center,
atingem o Pentágono em
ataque de surpresa com
aviões seqüestrados

Figura 3



Die Welt:
(Berlim - Alemanha)
Manchete:
Invasão
terrorista
no coração
da América

Figura 4



Zero Hora:
(Rio Grande
do Sul
- Brasil)
Manchete:
O terror ataca

Figura 5



Al Hayat:
(Líbano - nacional)
Manchete:
Aviões suicidas atacam o Pentágono e
destroem as torres do WTC em Nova
York; América declara alerta máximo
e aponta a marca de Bin Laden nos
ataques

Figura 6



Reforma:
(Cidade do
México - México)
Manchete:
(Eles) Estarrecem
os EUA

Figura 7

Grupo 2 – Efeitos na população

Este grupo relaciona os veículos que falam dos efeitos variados que o ataque provocou na população. Apesar de a maioria dos veículos ser norte-americana, há alguns de outros países que incorporam a dor vivida pelos estadunidenses; o destinador chama a atenção para as vítimas e quer fazer-crer ao destinatário que o acontecimento atingiu a todos os norte-americanos, mesmo os que não estavam diretamente envolvidos.

Subgrupo 1 – Evento como choque

Os sobreviventes são o fio condutor da ação narrada. Neste caso, manchete e fotos apresentam uma ligação importante, pois uma se relaciona com a outra.



The Star-Ledger:
(New Jersey - EUA)
Manchete:
Sobreviventes



Staten Island Advance:
(Nova York - EUA)
Manchete:
O mais longo dos dias

Figura 8

Figura 9



The Diamondback:
(Maryland - EUA)
Manchete:
Tragédia americana



Abilene Reporter-News:
(Texas - EUA)
Manchete:
Pesadelo



The Globe and Mail:
(Toronto - Canadá)
Manchete:
'Somos sobreviventes'

Figura 10

Figura 11

Figura 12

Subgrupo 2 – Referência às mortes

Neste subgrupo, o destinador foca a manchete nas vítimas fatais dos ataques. A ação narrada apresenta o ataque e o seu pior efeito, a perda de vidas humanas. As fotos apresentam os escombros que restaram do desabamento das torres gêmeas.



Sun:
(Washington - EUA)
Manchete:
Nós
lamentamos



Sun Star:
(Cebu City - Filipinas)
Manchete:
'Milhares de mortos, feridos'

Figura 13

Figura 14

Subgrupo 3 - “Grito” contra os agentes

O destinador “grita” contra os agentes da ação, buscando identificação com a mágoa, a ira, a cólera da população; apesar de a palavra terrorista não estar na manchete, o destinador-manipulador deixa claro quem é o alvo da ira. É como se o grito fosse emitido pelas vítimas e pela população em geral. O lamento e a dor pela perda de vidas são substituídos pelo grito. As fotos trazem as duas torres em chamas.



The Examiner:
(Califórnia - EUA)
Manchete:
Bastardos!



La Industria:
(Trujillo - Peru)
Manchete:
Não têm o perdão de Deus

Figura 15

Figura 16

Grupo 3 – Efeitos na América e no mundo

Neste conjunto, o destinador repercute o acontecimento na América e no mundo, ressaltando seus efeitos. Mesmo com a diversidade de subgrupos, as fotos com as imagens dos prédios são predominantes.

Subgrupo 1 - Promessa de retaliação dos EUA

O destinador quer fazer-creer ao destinatário que há a possibilidade de reação da vítima do evento, os Estados Unidos. Neste subgrupo, há uma variação no uso das fotos. Há os prédios em chamas, indiscutivelmente, o foco da maioria dos jornais, os escombros e até a silhueta dos prédios atingidos.



Jornal do Brasil:
(Rio de Janeiro - Brasil)
Manchete: EUA armam resposta ao terror

Figura 17



El País:
(Madrid - Espanha)
Manchete: O mundo em vigília à espera das represálias de Bush

Figura 18



El Universal:
(Cidade do México - México)
Manchete: Alerta mundial

Figura 19



Público:
(Lisboa - Portugal)
Manchete: América promete vingança

Figura 20

Subgrupo 2 – Conseqüências no mundo

O destinador quer fazer-creer ao destinatário que o ataque não apenas paralisou os Estados Unidos, como também o mundo todo. As fotos principais apresentam os prédios em chamas.



O Globo:
(Rio de Janeiro - Brasil)
Manchete: Terror suicida pára o mundo

Figura 21



Le Monde:
(Paris - França)
Manchete: América golpeada, mundo tomado de terror

Figura 22

Subgrupo 3 – Declaração de guerra

O destinador interpreta o ato como uma declaração de guerra contra os Estados Unidos. O evento não é encarado como uma reação à política de dominação norte-americana, e sim como uma atitude de guerra. As fotos apresentam os prédios em chamas e os escombros que restaram das duas torres.



USA Today:
(Nacional - EUA)
Manchete: 'Ato de guerra'

Figura 23



Daily News:
(Nova York - EUA)
Manchete: É guerra

Figura 24



Hartford Courant:
(Connecticut - EUA)
Manchete: Ato de guerra

Figura 25



Clarín:
(Buenos Aires - Argentina)
Manchete: A guerra

Figura 26



O Estado de S. Paulo:
(São Paulo - Brasil)
Manchete: Terrorismo declara guerra aos EUA

Figura 27



The Sydney Morning Herald:
(Sydney - Austrália)
Manchete: Terror da guerra nos EUA

Figura 28



The Guardian:
(Londres - Inglaterra)
Manchete: Uma declaração de guerra

Figura 29

Subgrupo 4 – Nação paralisada

A incredulidade diante do evento e a conseqüente reação de choque dos EUA são o ponto de partida do destinador-manipulador para fazer-criar ao destinatário que a série de ataques deixou a nação paralisada.



The City Paper:
(Tennessee - EUA)
Manchete: América em choque

Figura 30

Grupo 4 – Qualificação do acontecimento

Aqui o destinador qualifica o acontecimento: o dia da ação foi um dia negro, de terror, de horror, o pior dos dias. As imagens dos prédios em chamas predominam nas fotos.

Subgrupo 1 – Dia de Terror

Terror, horror e juízo são algumas das formas que o destinador-manipulador utilizou para qualificar o evento. Com isso, tenta fazer-creer ao destinatário que o dia 11 de setembro de 2001 ficou marcado de forma trágica e que suas conseqüências foram terríveis para os norte-americanos. O inglês *The Independent* (Figura 37) chega a classificar o acontecimento como “Dia do juízo final na América”.



*Asbury
Park Press:*
(New
Jersey -
EUA)
Manchete:
Horror



The Times:
(Indiana -
EUA)
Manchete:
Dia de terror

Figura 31

Figura 32



*Jornal da
Tarde:*
(São Paulo
- Brasil)
Manchete:
Terror



*Indiana Daily
Student:*
(Indiana - EUA)
Manchete:
Desastre

Figura 33

Figura 34



La Tercera:
(Santiago -
Chile)
Manchete:
Nova York,
9h03, terça-
feira –
11 de setembro
de 2001



*Richmond
Times
Dispatch:*
(Virgínia -
EUA)
Manchete:
O dia mais
negro da América

Figura 35

Figura 36



The Independent:
 (Londres -
 Inglaterra)
 Manchete:
 Dia do juízo
 final na América

Figura 37

Subgrupo 2 – Infâmia

O destinador qualifica a ação como infame, relacionando o ato ao ataque surpresa que os japoneses impuseram aos Estados Unidos. Fato que ficou conhecido como Dia da Infâmia e levou os norte-americanos a entrarem na Segunda Guerra Mundial. As fotos apresentam os prédios em chamas, com um diferencial: o *The Journal News* (Figura 40) retrata os bombeiros hasteando uma bandeira dos EUA, com os escombros das torres ao fundo.



The Atlanta Constitution:
 (Geórgia -
 EUA)
 Manchete:
 Ultraje

Figura 38



The Washington Times:
 (Distrito de
 Columbia -
 EUA)
 Manchete:
 Infâmia

Figura 39



The Journal News:
 (Nova York -
 EUA)
 Manchete:
 Novo dia
 da infâmia

Figura 40

Subgrupo 3 – Dimensão impensável

O destinador quer fazer-criar ao destinatário que o evento foi uma ação inacreditável, tamanha a ousadia dos agentes e a conseqüente destruição. Os jornais que fazem parte deste subgrupo são norte-americanos. As fotos retratam os prédios em chamas e os escombros.



The Patriot-News:
 (Pensilvânia -
 EUA)
 Manchete:
 Impensável

Figura 41



Arizona Daily Star:
 (Arizona -
 EUA)
 Manchete:
 Impensável

Figura 42



Pioneer Press:
(Minnesota - EUA)
Manchete:
Inacreditável

Figura 43



College Heights Herald:
(Kentucky - EUA)
Manchete:
9.11.01

Figura 44

Subgrupo 4 – Ato maligno

A referência ao mal remete à fala do presidente norte-americano, George W. Bush, que qualificou alguns países como pertencentes ao eixo do mal. Daí, a relação que o destinador faz ao referir-se ao acontecimento como “ato do mal”. As fotos aludem aos outros subgrupos: prédios em chamas e os seus escombros.



The Miami Herald:
(Flórida - EUA)
Manchete:
'Atos do mal'

Figura 45



The Commercial Appeal:
(Tennessee - EUA)
Manchete:
'Atos do mal'

Figura 46



Greeley Tribune:
(Colorado - EUA)
Manchete:
'Nossa nação viu o mal'

Figura 47



Ottawa Citizen:
(Ottawa - Canadá)
Manchete:
'Um ato do mal'

Figura 48

Grupo 5 – EUA como vítima da ação

Neste grupo, o destinador apresenta os EUA como vítimas da ação. “América sob ataque” e “A própria liberdade foi atacada” são as referências mais comuns nas manchetes. As fotos repetem os subgrupos anteriores: retratam os prédios em chamas e os escombros.



Florida Today:
(Flórida - EUA)
Manchete:
'A própria liberdade foi atacada'

Figura 49



The New York Times:
(Nova York - EUA)
Manchete:
EUA atacados

Figura 50



Sun Sentinel:
(Flórida - EUA)
Manchete:
Atacado

Figura 51



The Sun:
(Califórnia - EUA)
Manchete:
Atacado

Figura 52



The Morning Call:
(Pensilvânia - EUA)
Manchete:
Alvo:
América

Figura 53



Folha de S. Paulo:
(São Paulo - Brasil)
Manchete:
EUA sofrem maior ataque da história

Figura 54



El Mercurio:
(Santiago - Chile)
Manchete:
Ataque assustador contra os EUA

Figura 55



The Hindu:
(Nacional - Índia)
Manchete:
América sob ataque

Figura 56



The Flint Journal:
(Michigan - EUA)
Manchete:
EUA atacados

Figura 57



Zycie Warszawy:
(Varsóvia - Polónia)
Manchete:
Ataque nos EUA

Figura 58

Referências bibliográficas

ARBEX JR., José (2002). *Showrnlismo, a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela.

BAHIA, Juarez (1990). *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática.

BARROS, Diana Luz de (2001). *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática.

_____ (1988). *Teoria do discurso*. São Paulo: Atual.

CALAME, Claude (1986). *O sujeito da enunciação: breve introdução*. In *Cruzeiro Semiótico*. Porto: Nº 5. julho.

DISCINI, Norma (2003). *Jornal: um modo de presença*. In: Revista Galáxia. Nº 5. Abril de 2003. São Paulo: Educ.

ERBOLATO, Mario (1991). *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. São Paulo: Ática.

FANTIN, Maria Angela Fantin (1999). *Veja - criação de uma identidade mediática*. São Paulo/Caxias do Sul. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – PUC/São Paulo – UCS/Caxias do Sul.

FERREIRA JÚNIOR, José (2003). *Capas de Jornal – A primeira imagem e o espaço gráfico visual*. São Paulo: Senac.

FIORIN, José Luiz (1997); SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de Texto: Leitura e Redação*. São Paulo: Ática.

FIORIN, José Luiz (1996). *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática.

_____ (1997). *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

FLOCH, Jean-Marie (2001). *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral*. Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo, nº 1.

_____ (1986). *Les Formes de L'Empreinte*. Paris (França): Pierre Fanlac.

FRANÇA, Vera; PAIVA, Raquel; SOVIK, Liv; WEBER, Maria Helena [org. (2002)]. *Livro do XI Compós 2002 – Estudos de Comunicação*. Porto Alegre: Sulina.

GANZ, Herbert (1979). *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC, Nightly News, Newsweek and Time*. New York: Panteon.

GOMES, Mayra Rodrigues (2003). *Poder no Jornalismo*. São Paulo: Hacker/Edusp.

_____ (2000). *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo: Hacker/Edusp.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (1979). *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques (1993). *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.

_____ (1990). *Semiótica: Dicionário Razonado de la Teoria Del Lenguaje*. Madrid: Gredos.

_____ (2002). *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker.

HERNANDES, Nilton (2001). *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo.

INSTITUTE, The Poynter (2001). *September 11, 2001*. Kansas City, Missouri: Andrews MacMeel Publishg.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom (2003). *Os Elementos do Jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial.

LAGE, Nilson (1998). *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática.

LANDOWSKI, Eric (1992). *A Sociedade Refletida*. São Paulo: Educ Pontes.

_____ (2002). *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva.

LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raul; OLIVEIRA, Ana Claudia de (1999). *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: Educ/UAP.

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena (1996). *A construção discursiva do personagem Fernando Henrique Cardoso nos jornais impressos brasileiros*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MARCONDES FILHO, Ciro (1988). *O Capital da Notícia*. São Paulo: Ática.

MARRONE, Gianfranco (2001). “*Da opinião pública ao corpo político*”. In: Revista Galáxia. Nº 2. 2001 São Paulo: Educ.

MEDINA, Cremilda (1978). *Notícia, um produto à venda*. São Paulo: Summus.

MORETZSOHN, Sylvia (2000). *A velocidade como fetiche – o discurso jornalístico na era do “tempo real”*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de; LANDOWSKI, Eric (1995). *Do inteligível ao sensível*. São Paulo: Educ.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (1988). *Discurso e Leitura*. Campinas: Unicamp.

PINTO, Milton José (1999). *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Hacker Editores.

PORTO, Sérgio Dayrell [org. (2002)]. *A incompreensão das diferenças: 11 de setembro em Nova York*. Brasília: Edições IESB.

PORTO, Sérgio Dayrell; MOUILLAUD, Maurice [org. (2002)]. Brasília: UNB.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel (2002). *O império do Grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad.

TRAQUINA, Nelson (2000). *O poder do jornalismo - análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva Editora.

TAILLE, Elizabeth Harkot-De-La (1999). *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo: Humanitas.